

A oração. Introdução Geral*

Marcel Mauss

Tradução de *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

De todos os fenômenos religiosos, mesmo os considerando apenas de fora, é a oração que apresenta imediatamente a impressão de vida, riqueza e complexidade. Ela possui uma história maravilhosa: parte de baixo, e ascende gradualmente até as cimeiras da vida religiosa. Infinitamente flexível, assume as formas mais variadas, alternadamente adorativas e vinculativas, humildes e ameaçadoras, secas e abundantes em imagens, imutáveis e variáveis, mecânicas e mentais. Preenche os papéis mais diversos: aqui é um pedido brutal, lá uma ordem, noutro lugar um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, um elogio, um *Hosana*¹. Às vezes, uma mesma espécie de orações tem passado sucessivamente por todas as vicissitudes: quase vazia na origem, encontra-se um dia cheia de sentidos; em outro, quase sublime no início, se reduz gradualmente a um salmo mecânico.

Compreende-se, então, todo o interesse que existe em estudar e seguir, através de todas as suas variações, um fato ao mesmo tempo complexo e proteiforme. Temos aqui uma ocasião,

* Tradução da 'Introdução Geral' do livro de Marcel Mauss, **La Prière**. Paris, Félix Alcan Editor, 1909.

¹ Expressão usada para anunciar o elogio ou a adoração de um Deus (Nota do Tradutor, NT).

particularmente favorável, para mostrar como uma mesma instituição pode assumir as funções mais diferentes, como uma mesma realidade pode cobrir múltiplas formas, permanecendo ao mesmo tempo própria e sem alterar sua natureza (1). Ora, este duplo aspecto dos fatos religiosos e sociais foi ignorado demasiado frequentemente. Às vezes, não se vê neles mais do que noções simples, de uma simplicidade abstrata, onde a razão se dirige sem penalidade. Às vezes, empresta-lhes uma complexidade que se desespera e que o subtrai às tomadas da razão. Realmente, **tudo o que é social é, ao mesmo tempo, simples e complexo.** É sobre uma matéria concreta e cheia de movimento que a abstração do sociólogo se pratica e pode legitimamente exercer-se. Um estudo da oração ilustrará utilmente este princípio.

Mas, não é apenas por estas razões externas que a oração deve chamar a atenção é, sobretudo, devido à sua enorme importância intrínseca. É, com efeito, em vários pontos de vista, um dos fenômenos centrais da vida religiosa.

Em primeiro lugar, a oração é o ponto de convergência de um grande número de fenômenos religiosos. Mais que qualquer outro sistema de fatos, **participa ao mesmo tempo da natureza do rito e da natureza da crença.** É rito, porque é uma atitude tomada, um ato realizado oposto ao das coisas consagradas. Dirige-se à divindade e a influência; consiste de movimentos materiais dos quais se espera resultados. Mas, ao mesmo tempo, qualquer oração contínua, possui em algum grau

um *Credo*. Mesmo onde o uso a esvaziou de sentidos exprime ainda, pelo menos, um mínimo de idéias e de sentimentos religiosos. Na oração o fiel age e pensa. E ação e pensamento se encontram estreitamente unidos, acometidos em um mesmo momento religioso, a um só e mesmo tempo. Esta convergência é, aliás, muito natural. A oração é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem um objetivo e um efeito; continua, basicamente, um instrumento de ação. Mas, age exprimindo idéias e sentimentos, que as palavras traduzem parte e substantificam. Falar é agir e, ao mesmo tempo, pensar: aí está porque a oração apareceu ao mesmo tempo do surgimento da crença e do culto.

Esta natureza da oração favorece o estudo. Sabe-se quanto é difícil explicar um rito que não é mais que um rito, ou um mito mais ou menos puro (2). Os ritos encontram a sua razão de ser apenas quando se descobre o seu sentido; São, como se diz, as noções, que ainda são e foram à sua base, e as crenças às quais correspondem. Um mito, realmente, é explicado, apenas, quando se disse quais movimentos e quais ritos lhe são solidários, quais são as práticas que encomenda. De uma parte, o mito tem apenas realidade, ele não está unido a um uso de determinado culto; e, de outra parte, o rito tem apenas valor, ele não é a aposta interessada de certas crenças. Uma noção religiosa destacada das suas práticas de funcionamento é leve e vaga; e uma prática cujo sentido não se sabe, não se tem certeza da fonte, é, para a ciência, apenas uma série

mecânica de movimentos tradicionais, cujo papel pode ser determinado apenas de maneira muito hipotética. - Ora, a mitologia e a ritologia comparadas estudam os mitos e os ritos mais ou menos isolados, comumente. Começa-se mal o estudo dos fatos de forma isolada de fenômenos onde representação e ação se chamam intimamente, e é no interior desta relação íntima que a análise pode ser frutífera. A oração é precisamente um desses fenômenos onde o rito se encontra unido à crença. Ela é cheia de sentidos, como mito; é frequentemente também rica em idéias e imagens da narrativa religiosa. Ela é cheia de força e eficácia como rito; é amiúde tão fortemente criadora como uma cerimônia simpática. Ao menos no princípio, quando concebida, não é nada cega; nunca consiste em qualquer coisa inativa. – Assim, um ritual de orações é uma totalidade, de onde se produzem os elementos míticos e rituais, necessários para compreendê-lo. Pode-se mesmo dizer que uma única oração compreende, e frequentemente expressa claramente, a série de suas próprias razões. Enquanto, em outros ritos, o corpo de idéias e de sentimentos permanece comumente em um estado vago; ao contrário, na oração, necessitada da linguagem, precisa frequentemente as circunstâncias e os motivos da sua própria enunciação. A análise da oração é, por conseguinte, mais fácil do que a análise da maior parte dos fenômenos religiosos.

Por isso mesmo, o estudo da oração nos permitirá lançar alguma luz sobre a pergunta tão

controversa das relações entre mito e rito. O que deu origem ao debate foi que cada uma das duas escolas, a ritualista (3) e a mitóloga, colocavam o axioma de que um destes dois elementos era anterior ao outro. Consequentemente, todo o problema se reduzia a procurar qual dos dois era o princípio religioso por excelência. Ora, com efeito, qualquer rito corresponde necessariamente a uma noção mais ou menos vaga; e qualquer crença suscita movimentos, por mais fracos que sejam. Mas é, sobretudo, no caso da oração, que a solidariedade destas duas ordens de fatos explode com evidência. Aqui, o lado ritual e o lado mítico são, rigorosamente, apenas, duas faces de um só e mesmo ato. Aparecem ao mesmo tempo e são inseparáveis. Certamente, a ciência pode abstraí-los para melhor estudá-los, mas abstrair não é separar. Sobretudo, não é a questão de atribuir a um ou a outro uma espécie de primazia.

Em segundo lugar, a oração é um fenômeno central e um dos melhores sinais pelos quais se denota o estado de avanço de uma religião. Isso porque, em todo o curso da evolução, o seu destino e o da religião se encontram estreitamente associados. A história de quase todos os outros ritos consiste em uma regressão contínua. Há ordens de fatos que quase desapareceram totalmente: como o sistema das proibições alimentares. Muito desenvolvido nas religiões elementares, permanece em certas confissões protestantes apenas como tênue sobrevivência; do mesmo modo, o sacrifício, característico de

religiões com certo grau de desenvolvimento, terminou por perder qualquer vida realmente ritual. O budismo, o judaísmo, o Islamismo (4) não o conhece mais, e no cristianismo sobrevive apenas sob uma forma mítica e simbólica. Ao contrário, a oração, da qual não existe originalmente mais do que rudimentos indecisos, fórmulas curtas e dispersas, cantos mágico-religiosos dos quais mal se pode dizer que são orações, se desenvolve seguidamente, continuamente, e termina por invadir todo o sistema ritos. Com o protestantismo liberal ela se tornou quase a totalidade da vida religiosa (5). Por conseguinte, foi à planta maravilhosa que, após ter se desenvolvido na sombra de outro, terminou por asfixiá-lo através dos seus vastos ramos. A evolução da oração é em parte a evolução religiosa em si; os progressos da oração são, em parte, os da religião.

Também se podem seguir, através do desenvolvimento da oração, todas as grandes correntes que atuaram sobre o conjunto dos fenômenos religiosos. Sabe-se, com efeito, pelo menos em geral, que a religião sofreu uma dupla evolução. - Sua abordagem ficou cada vez mais espiritual. De modo que ela consistia, no princípio, de ritos mecânicos, materiais e precisos, de crenças estreitamente formuladas e feitas quase exclusivamente de imagens sensíveis, tenderam, na sua história, a assumir, cada vez mais, o lugar da consciência. Os ritos passaram a ser considerados atitudes da alma, antes que atitudes do corpo, e se enriqueceram de elementos mentais, de sentimentos

e idéias. As crenças, por seu lado, se intelectualizaram e, cada vez menos materiais e detalhadas, se reduziram a um menor número de dogmas, com sentido ao mesmo tempo rico e variável (6). - Ao mesmo tempo em que se espiritualizou a religião tendeu, cada vez mais, à individualização. Os ritos no início eram, sobretudo, coletivos; eram realizados apenas conjuntamente, pelo grupo reunido. Na maior parte das crenças só existe acesso sob a forma tradicional; estritamente obrigatória, ou, pelo menos, comum, se encontravam espalhadas por toda a coletividade, com uma uniformidade que podemos dificilmente representar o rigor. A atividade dos indivíduos em matéria de noções e atos religiosos se exercia, então, dentro de limites bem mais estreitos. A evolução inverteu a proporção, e é, no final, a atividade do grupo que se encontra limitada. As práticas religiosas se tornaram, em grande parte, realmente, individuais. O momento, o lugar, as condições, as formas de tal ou qual ato dependem cada vez menos de causas sociais. Assim, como cada um age quase ao seu modo, do mesmo modo, cada um é também, na medida do possível, o inventor da sua fé. Mesmo certas seitas protestantes, os Remonstrantes², por

² Os *Remonstrantes* ou *Arminianos* derivam o seu nome de Tiago Armínio (1560-1609), um ministro da Igreja Reformada da Holanda. Em 1610, um documento conhecido como *Remonstrance*, também chamado de "*Os Cinco Artigos de Armínio*", foi assinado por 46 ministros e submetido às autoridades civis das Províncias Unidas. Esses artigos apresentam a doutrina dos "*Remonstrantes*" ou *Arminianos*, como vieram a ser chamados, nos assuntos da

exemplo, reconhecem a qualquer membro da Igreja uma autoridade dogmática. “O Deus interno” das religiões mais avançadas é, também, o Deus dos indivíduos.

Estes dois processos estão, particularmente, marcados na oração. Foi mesmo um dos melhores agentes desta dupla evolução. De um limite mecânico, que agia unicamente pelos sons proferidos, terminou por se tornar extremamente mental e interna. Depois de não ser mais do que uma parte ínfima do pensamento, findou por ser unicamente pensamento e efusão da alma. De acesso estritamente coletivo, no dizer em comum ou, pelo menos, de acordo com formas rigorosamente fixadas pelo grupo religioso, às vezes, até mesmo interdito (7), tornou-se o domínio da livre conversação do indivíduo com Deus. - Se si pode desdobrar, assim, esta dupla transformação, é graças à sua natureza oral. Enquanto ritos manuais, elas tendem naturalmente a se modelar sobre os efeitos materiais, que devem produzir-se mais sobre os estados mentais de onde procede, a oração, sendo uma palavra, se encontra, por isso mesmo, mais aparentada do pensamento. É porque isso que pôde abstrair-se, espiritualizar-se, ao mesmo tempo em que os fatos religiosos ficavam mais imateriais e transcendentos. E, de outra parte, as palavras que a compõem gozam de uma relativa mobilidade. Mais plásticas do que podem sê-lo os gestos impessoais, pôde seguir as variações e os

predestinação, da extensão da expiação, da causa da graça salvadora e da perseverança (NT).

matizes das consciências individuais, e, conseqüentemente, permitir uma maior liberdade possível à iniciativa privada. E assim como, ao mesmo tempo em que se aproveitou da evolução religiosa, a oração foi um dos melhores agentes.

Vê-se todo o interesse que apresenta a questão da oração. Não poderia, evidentemente, ser questão de estudar a totalidade das manifestações de uma instituição tão geral e tão complexa, no seu fundo e a sua história. É necessário classificar os problemas e as dificuldades, e separar uns dos outros os diversos momentos de uma longa evolução, de múltiplos aspectos, e as numerosas funções de um rito essencial.

Do que acabamos de dizer a propósito do duplo interesse que apresentamos, o estudo das origens da oração e da sua evolução resulta que um estudo de conjunto deveria compreender pelo menos três partes.

Primeiro, se deveria procurar nas religiões elementares, como a oração se formou. Assistir-se-ia, se não ao seu nascimento, pelo menos, aos seus primeiros vagidos. Procurar-se-ia as suas origens modestas, que podem se encontrar muito bem nas formas de ritos orais mais ricos e mais frutíferos; contudo, o que temos por hábito chamar corretamente de orações, pelo menos, é aquilo que diz respeito aos pedidos dirigidos à personalidade divina ou espiritual. O que atingiria deste modo, tanto quanto possível, as origens de onde saiu o conjunto; origens que podem ser, também, diferentes dos seus primeiros efeitos, onde a

semente pouco se assemelha à árvore. - Logo em seguida, deveria se estudar as primeiras transformações da oração, as primeiras formas definidas, específicas, que a revestiu. Para isso, se consideraria as religiões ainda suficientemente próximas das primeiras religiões estudadas e, no entanto, suficientemente evoluídas para constituir um ritual predicativo detalhado. Assim, se é levado a explicar o que pôde fazer a oração despontar dos seus rudimentos.

A oração, propriamente dita, com suas diversas divisões, deveria seguir a sua evolução nas duas direções que indicamos. Para determinar de acordo com que normas a oração se espiritualizou progressivamente, seria necessário, então, encontrar um tipo de religião no interior da longa história, ou, então, partindo de formas equivalentes às que havíamos apresentado como a mais evoluída das religiões primitivas estudadas, se si elevaria continuamente, até as formas mais elevadas, mais puras e mais reduzidas ao ato do espírito. Para este estudo, nenhuma sociedade pode nos fornecer um terreno mais propício e único do que a Índia antiga. Com efeito, o ritual védico partiu certamente de um estado que recorda os mais aperfeiçoados dos rituais polinésios. E, contudo, se sabe o quanto excedeu este nível. Do mais simples mantra das escolas bramânicas, dos Vedas regulares ou do Veda dos mágicos, se passa, sem abalo, sem sair da mesma literatura védica, ao hino mítico, moral, seguidamente filosófico e teosófico (8); de lá se passa para a oração mental, para a concentração

mística do pensamento, superior a qualquer rito, superior mesmo ao Deus; é o *dhyâna*³ do asceta que vem conduzir quer ao Nirvana budista, quer à destruição da consciência individual no brâmane supremo nas escolas ortodoxas. Não somente estas espécies de orações se sobrepuseram logicamente na sequência dos tempos, e é possível seguir os seus encadeamentos regulares, mas, também, possui nelas cada revolução das instituições religiosas da Índia, e se vê coexistirem, em proporções variadas, em liturgias orgânicas, e se harmonizar uma com as outras na massa compacta das crenças e das práticas.

Um terceiro estudo teria por objeto a evolução que fez da oração um rito cada vez mais individual. O exemplo típico, preferivelmente, é fornecido aqui pelas religiões semíticas (de Síria e Palestina) e pela religião cristã dos primeiros séculos. Embora, em um dado momento, na maior parte santuários, a oração de um simples fiel, do laico era, por assim dizer, interdita, e mesmo chegando a ser formalmente prescrita (9). A oração dita em comum (10), ou em nome quer do povo, quer do sacrificante, através do padre, estritamente litúrgica e tradicional, foi gradualmente suplantada, em numerosos casos, por um discurso livre, cuja forma era escolhida pelo fiel, de acordo com os seus sentimentos e de acordo com as

³ *Dhyâna* é um termo sânscrito que se refere a um dos aspectos da contemplação e da meditação. É um conceito chave no Hinduísmo e no Budismo. No Dhyâna, o praticante é consciente do ato de contemplação e do objeto de meditação (NT).

circunstâncias. Mesmo, por um curioso regresso, se vê a antiga oração coletiva, mecânica, de enunciado imutável e recitação obrigatória, se reduzir a ser nada mais, graças às qualidades poéticas únicas que ela lhe emprestava, do que um dos meios de expressão da alma individual.

Mas a oração não teve apenas uma marcha ascendente. Teve também as suas regressões, das quais é necessário ter em conta se si quer reconstituir a vida desta instituição. Repetidamente, orações que eram consideradas muito espirituais tornaram-se o objeto de simples recitação, privativa de toda personalidade (11). Elas caem para a classe de um rito manual, onde os lábios poderiam ser remexidos como em outro lugar se remexeria os membros. As orações continuamente repetidas, as orações em línguas incompreendidas, as fórmulas que perderam qualquer sentido (12) e cujas palavras de tão usadas ficaram incognoscíveis, são exemplos incontestáveis destes retrocessos. Tem mais, vê-se, em certos casos, a oração mais espiritual se degenerar até não ser mais do que um simples objeto material: o rosário, a árvore das orações, o moinho de orações, os amuletos, os talismãs, os *mezuzás*⁴, as medalhas, os escapulários, o ex-voto (13), são verdadeiras orações materializadas. A oração em religiões cujo dogma

⁴ Os *Mezuzás* são pedaços de pergaminho colocados nos umbrais das portas das residências, sinagogas e estabelecimentos dos judeus ortodoxos como lembranças do criador. Costumam ser beijados cada vez que se passa pela porta, para lembrar as orações nele contidas e dos princípios do judaísmo que eles carregam (NT).

se destaca de qualquer feiticismo torna-se, ela mesma, fetiche.

Destas quatro partes, a primeira é objeto desta obra. Visto que, para compreender toda a sequência da evolução, é necessário conhecer as formas elementares. Queremos proceder por ordem, de acordo com a natureza dos fatos; como o biólogo que após ter começado por conhecer os organismos monocelulares, pode passar em seguida ao estudo dos organismos policelulares, sexuais, e assim por diante. Cremos, com efeito, que, por muito tempo, na Sociologia, o estudo das formas extintas é mais interessante, mais urgente, mesmo para a compreensão dos fatos atuais, que o estudo das formas que precedem imediatamente a estas. Não são os fatos mais vizinhos no tempo, contudo, que são as causas profundas dos fatos que conhecemos. Além disso, os sistemas de orações da Grécia e de Roma, sobre os quais somos mal informados e que parecem ter sido muito pobres, antes do que chamamos sincretismo, tiveram uma fraca influência sobre o sistema das Igrejas cristãs. Igualmente, é quase impossível seguir outra ordem. Os fatos que apresentam os mesmos rituais ainda bárbaros, como o ritual védico, são abundantes e tão volumosos que não se saberia distinguir, mesmo com a ajuda de teólogos conscientes como os brâmanes, se não se dispuser de algumas hipóteses condutoras que possam levar à análise das formas elementares.

Notas

1. Sobre estes fenômenos de transmutação na arte e que chama “o mito”, ver as engenhosas observações do Sr. Wundt sobre o ‘Umwandlung der Motive’. **Völkerpsychologie**, IIr Bd, I, pp. 430,590.
2. Sobre as aproximações do mito e do rito, ver as nossas observações, **Année sociologique**, 6. ‘Introduction à la rubrique Mythes’, pp. 242-246, cf. Mauss ‘L’art et le mythe d’après M. Wundt’, **Revue philosophique**, 1908, p. 17.
3. Para uma exposição da tese ritualista, ver: R. Smith, **Religion of Semites**, 2ª edição, p. 16.
4. Na sua forma teórica naturalmente. Porque do culto dos santos, das práticas do juramento, e das muitas festas mais ou menos populares, o Islã guardou apenas os sacrifícios, na maior parte vestígios de antigos cultos.
5. V. Sabatier, **Esquisse d’une philosophie de la religion, d’après la psychologie et l’histoire**, Paris, 1897, p. 24 e seguintes.
6. Estas linhas gerais da evolução das religiões são as que cremos ser mais exatas e, em outras palavras, é mais ou menos como as que o Sr. Tiele desenvolve. Ver. **Elements of the Science of Religion**, 1898, II, p. 130 sq.
7. *Jure pontificum cautum est, ne suis nomnibus du Romani appellarentur, ne exaugurari possent, Servius, ad Aen. II n.35*, Cf. Pline, N. H. XXVIII, 18; cf. Wissowa, **Religion and Kultus der Römer**, 1902, p. 333.
8. Uma parte dessa história é descrita por M. Oldenberg, **Le Bouddha, sa vie, sa doctrine, son Église**, trad. Foucher. 2e édit., pp. 1-80; por M. Deussen, **Aligemeine Geschichte der Philosophie**, t. I et II, **Die Philosophie des Veda; Die Philosophie der Upanishads**, Berlin, 1896, 1898; e por M. Oltramare, **Histoire de la théosophie hindoue**, I. Bibl. d’Et. du Musée Guimet.
9. Fazemos alusão, sobretudo, ao nascimento da sinagoga, que é, principalmente, uma “assembléia” de orações: ver Isi Loeb, «La communauté des pauvres», **Revue des**

études juives, 1889; Israël Lévi, « Les dix-huit bénédictions », **ibid.**, 1896, p. 16; **ibid.**, p. 61; Schürer, **Geschichte des Volkes Israël im Zeitalter Jesu**, 2e édit., II, p. 45 sq. . Sobre as origens das orações cristãs ver, Von der Goltz, **Das Gebet in der ältesten Christenheit**, 1901, e nossas observações, **Année sociologique**, 6, p. 216.

10. Agora se sabe que salmos foram, a partir da origem, composições litúrgicas. Uns pertencem ao ritual do templo: salmos alfabéticos do doze aos vinte e quatro apóstrofes, cf. Gressmann, **Musik und Musikinstrumente im Alten Testament**, 1903; salmos do Hallel; cf. Cheyne, **the Origin and Religious Content Psalter**. Oxford, 1891; os outros provêm da « comunidade dos pobres», cf. Coblenz, **Ueber das betende Ich der Psalmen**, etc. Francf. 1897.
11. É por exemplo o caso das orações entrando na magia, ex. Dietrich, **Eine Mithrasliturgie**, 1902.
12. Ver-se-á mais adiante que estes fenômenos de usura estão longe de ser incompatíveis com os estados de civilização extremamente primitivos; encontraremos sobre eles numerosos exemplos na Austrália. L. III; 2ª parte, cap. III.
13. Sobre a importância dessa última forma de regressão, por exemplo, nos nossos países, consultar com bom proveito, R. Andree, **Ueber Votiv-und Weihegaben**, Brunswick, 1906, onde se encontrará listas de fórmulas.